

---

## A construção do discurso intolerante em posts do Facebook: uma análise semiótica em torno do assassinato da Marielle Franco<sup>1</sup>

Natália Silva Giarola de RESENDE<sup>23</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, MG

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a formação de discursos intolerantes em duas fanpages, com foco especial na morte da vereadora Marielle Franco. A pesquisa se embasa em seis postagens da primeira semana após o assassinato, equitativamente distribuídas entre as duas páginas, a saber: *Direita Vive 3.0* e *Jovens de Esquerda*. O artigo tem em sua base teórica-metodológica os estudos intolância na perspectiva da semiótica francesa no que tange o percurso do sujeito intolerante, a saber: sanção, paixão, temas/figuras e tensividade (BARROS, 2011) e a tipologia das estratégias identitárias (, LANDOWSKI, 2012). Ao final do artigo, observamos que ambas as páginas expressam intolância, com diferenças nas estratégias e na intensidade do discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** intolância; redes sociais; Marielle Franco; post; semiótica francesa.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A proliferação das redes sociais reconfigurou os modos de relacionamento e expressão humana. A internet engendrou novas formas de significação e interação, ampliando a liberdade na expressão de crenças e valores individuais. No entanto, esta liberdade expõe indivíduos a julgamentos e sistemas ideológicos, possibilitando a disseminação de discursos preconceituosos e intolerantes. As redes sociais, simultaneamente espaço público e privado, moldam identidades e subjulgam por meio da comunicação.

Assim, as plataformas de redes sociais, especialmente o Facebook, se convertem em palcos dinâmicos para a eclosão de discursos intolerantes, particularmente quando entrelaçados com discursos políticos. A exemplo, o assassinato da vereadora Marielle Franco, em 2018, intensificou, segundo Oliveira (2018), a disseminação de discursos intolerantes nas redes sociais, acirrando, ainda mais, a discussão entre direita e a esquerda.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, mp XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, email: [nati.giarola@gmail.com](mailto:nati.giarola@gmail.com).

<sup>3</sup> Este artigo é fruto da tese de doutoramento da autora, disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45892>. Acesso: 14/08/2023.

---

No dia 14 de março de 2018, a vereadora do PSOL Marielle Franco, seu motorista, Anderson Pedro Gomes, e sua Assessora, Fernanda Chaves, tiveram o carro alvejado, quatro projéteis atingiram a cabeça de Marielle e, três, as costas de Anderson; ambos morreram na hora, a assessora sobreviveu.

No presente estudo, abordamos a intolerância sob o prisma da semiótica francesa. De acordo com Barros (2011), o discurso intolerante advém da antítese fundamental entre identidade e diferença/alteridade. Landowski (2012) complementa que a identidade se forja não apenas pela relação do indivíduo com o mundo, mas também pela sua relação com os outros. Assim, a alteridade é discernida por meio de interações, ainda que virtuais, com outros sujeitos.

Posto isto, o objetivo desse artigo é analisar a construção dos discursos intolerantes nas duas fanpages, particularmente em relação à morte de Marielle Franco. A pesquisa é embasada em seis postagens da primeira semana após o assassinato, divididas igualmente entre as duas páginas. O artigo está estruturado em quatro partes: a fundamentação teórica sobre a intolerância na semiótica francesa (BARROS, LANDOWSKI); a metodologia e o corpus de pesquisa; as análises realizadas; e, por fim, as conclusões extraídas.

## **1. A INTOLERÂNCIA NO ÂMBITO DA SEMIÓTICA FRANCESA**

Barros (2011) explicita que o discurso intolerante tem sua oposição mínima fundamental entre identidade versus diferença/alteridade. Em complemento, Landowski (2012) acrescenta que a identidade é constituída, não apenas pela maneira como o sujeito se coloca no mundo, mas, principalmente, pela relação que ele mantém com o outro. Logo, a identidade “parece passar necessariamente pela intermediação de uma ‘alteridade’ a ser constituída” (LANDOWSKI, 2012, p. 4).

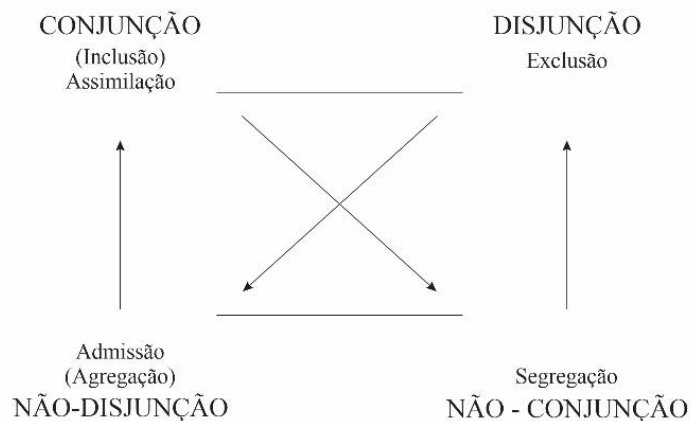
Em vista disso, um sujeito identifica sua alteridade mediante o contato, mesmo que virtualmente, com o outro. Ao mesmo tempo em que ele percebe o diferente, constitui sua identidade e/ou a identidade do grupo social no qual se insere. Ao transpormos essa noção para o campo dos discursos intolerantes, identificamos a presença de um sujeito intolerante, que se coloca um “Sr. Todo Mundo” (LANDOWSKI, 2012)

Depreendemos que “o homem do mundo” ordena o que é diferente dele, ao mesmo tempo que institui seus semelhantes, que compartilham das mesmas crenças e valores. Com isso, a identidade do sujeito intolerante é instaurada pela identificação da alteridade

do outro – outro este que, sob a perspectiva do eu, não pode coabitar com os grupos semelhantes ao eu, uma vez que há uma ameaça à integridade deles. Ou seja, ele simula uma assimilação ao diferente, criando uma falsa aceitação, quando, na verdade, rejeita o “outro”, e o faz se livrar “daquilo que faz com que ele seja o outro – em suma, de reduzir o *outro* ao mesmo” (LANDOWSKI, 2012, p. 8).

Diante dessas concepções – de que o sujeito constitui sua identidade a partir da relação com o “outro –, Landowski (2012, p. 4) constrói um modelo “de caráter geral que permite situar umas em relações às outras diferentes formas de articulação possíveis de relação entre ‘Nós’ e seu ‘Outro’”. O autor lança mão de um quadro teórico, que aponta quatro tipos de relações entre o “Um” e o “Outro”, tais quais: a assimilação; a admissão; a segregação; e a exclusão (Figura 1).

Figura 1- Tipologia das estratégias identitárias



Fonte: Adaptado de Landowski (2012, p. 15).

O modelo desenvolvido por Landowski (2012) constrói um regime de sentido, que ocorre por meio da copresença dos actantes, em uma situação de interação. Dessa maneira, é por meio desse contato – nas formas de assimilação, admissão, segregação e exclusão – que se torna possível a articulação entre o “eu” e o “outro”, tendo, como ponto comum, serem práticas que ocorrem por meio do discurso, da linguagem.

Na tipologia das estratégias identitárias de Landowski (2012), a assimilação e a exclusão aparecem como termos que se assentam no princípio do não reconhecimento da alteridade, do apagamento das diferenças do “outro”, em que, na maioria das vezes, o dissemelhante é visto como uma forma de ameaça, vinda de um *alhures*. Por outro lado,

---

as categorias de admissão e de segregação buscam, de certa maneira, integrar o “outro”, seja aceitando-o ou ignorando-o.

Desse modo, na assimilação o outro perde suas características de outro e incorpora as convenções de um novo grupo. Na segregação, vista como a negação da assimilação, dois grupos distintos convivem na mesma sociedade, mas não há uma troca de contatos entre eles, como, por exemplo, o apartheid. Já na exclusão, o sujeito entra em disjunção, sendo sancionado por não ter realizado, cumprido seu dever social. Por fim, na admissão, em oposição à exclusão, os sujeitos reconhecem suas diferenças e coabitam no mesmo espaço, sem, no entanto, incorporar as peculiaridades do outro grupo.

Ainda no campo semiótico, Barros (2011;2016) propõe um percurso teórico para a análise dos discursos intolerantes, do qual utilizaremos como base metodológica desta pesquisa. Segundo a autora, os discursos intolerantes devem ser analisados por meio da sanção, paixões, temas e figuras, tensividade. Barros (2002) explana que a “sanção” é a última fase do percurso narrativo, e diz respeito ao percurso do destinador-julgador. Desse modo, na “sanção”, o destinador reconhece o sujeito, que, neste caso, é caracterizado por um fazer, e o julga a partir de suas condutas e de suas operações, além de analisar sua

[...] conformidade ou não com o sistema de valores que representa e, também, em relação aos valores implícitos ou explícitos no contrato inicial com o destinador-manipulador. Cabe-lhes verificar se o sujeito cumpriu o compromisso assumido quando da sua instauração como sujeito da *performance*. Conclui-se que toda interpretação, e sanção, se faz em nome de uma ideologia, da qual depende, em suma, o sentido do percurso narrativo (BARROS, 2002, p. 40).

Esse caminho, conforme explica a autora, é um encadeamento lógico de programas narrativos, caracterizado por dois tipos: o “pragmático”, que tem por finalidade a retribuição positiva ou negativa, e o “cognitivo”, que visa a uma interpretação, a um reconhecimento do sujeito e de sua integração, no processo de valores instaurado entre os destinadores. No âmbito da intolerância, Barros (2011) explica os sujeitos que sofrem a intolerância são julgados como maus cumpridores dos contratos sociais, que variam de acordo com o contexto no qual estão inseridos. Logo, a organização narrativa da “sanção” permite que os discursos intolerantes sejam, sempre, justificados e, até mesmo, aceitos.

Em seus estudos sobre intolerância, Barros (2007) desenvolve a hipótese de que os sujeitos intolerantes são sempre “apaixonados”. Em semiótica, as paixões são entendidas como um efeito de sentido, de um arranjo de modalidades que modificam o

---

sujeito (BARROS, 1990). Há, portanto, uma existência modal nas paixões, acarretando um sujeito constituído pela modalização do seu ser, que assume papéis patêmicos. Assim, os sujeitos intolerantes são movidos por paixões malevolentes, de *querer fazer mal ao outro* ao sujeito não cumpridor dos contratos sociais - como o ódio e o medo do diferente, e do que ele supostamente pode causar - e paixões benevolentes, de *querer fazer bem* aos seus.

O terceiro ponto de análise semiótica dos discursos intolerantes, proposto por Barros (2011), é a “semântica discursiva”, que se refere a temas e figuras. A semântica discursiva é responsável pelas determinações ideológicas, propriamente ditas (FIORIN, 1998), nas quais, o tema diz respeito ao investimento semântico, que, segundo Fiorin (1998), são de natureza conceitual, e não remetem ao mundo natural. Os temas, desse modo, são categorias que permitem organizar, classificar, ordenar os elementos do mundo natural. Já as figuras são “todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (FIORIN, 2014, p. 91).

Barros (2011) afirma que os discursos intolerantes apresentam, em sua maioria, temas que remetem à oposição semântica, de base igualdade vs. diferença e/ou identidade vs. alteridade. A partir dessa oposição, vários temas e figuras são constituídos conforme as diferenças étnicas, religiosas, políticas e outros. A autora elenca quatro procedimentos recorrentes, que elaboram os percursos temáticos e figurativos dos discursos intolerantes, a saber: a animalização do outro; a antinaturalidade do diferente; o caráter doentio do diferente; a imoralidade do outro.

O último item teórico-metodológico, proposto por Barros (2011; 2015; 2016), para tratar dos discursos intolerantes, diz respeito à incorporação da semiótica tensiva, no que se refere às noções de acontecimento e exercício, mas, principalmente, às noções de triagem e mistura. Barros (2011) afirma que os discursos intolerantes são da ordem do *acontecimento*, marcado por situações extraordinárias e intensas, apresentando uma organização concessiva, representada por “B, apesar de A”. São, portanto, discursos fortemente passionais, causando uma reação inesperada e impactante. Entretanto, a semioticista explana que, apesar dessas características, o discurso intolerante pode adquirir traços da ordem do *exercício*, tais como a racionalidade e a inteligibilidade – principalmente, quando o sujeito expõe um argumento para justificar sua intolerância, como, por exemplo, no caso do darwinismo social, já citado anteriormente. Cabe afirmar

---

que a predominância do *acontecimento* e do *exercício*, nos discursos intolerantes está, de acordo com Barros (2011, p. 269), ligada à época, aos grupos envolvidos e às estratégias utilizadas, pelo enunciador, para persuadir seu enunciatário.

Para além dessa abordagem, Barros (2011; 2015) utiliza outros conceitos oriundos da semiótica tensiva, para explicar os discursos intolerantes: a triagem e a mistura. De acordo com Zilberberg (2004, p. 72), a sintaxe da intensidade tem, como operação, a ascendência ou a descendente, isto é, gradações entre o impactante *vs.* o tênue. Já, a sintaxe da extensidade, é regida por meio de duas operações, a triagem *vs.* a mistura, em que a triagem converge para a mistura, tendo como resultado um aumento da difusão e da impureza; e, por outro lado, a triagem desfaz a mistura, indo em direção à concentração e à pureza.

## 2. METODOLOGIA

Este artigo tem como base metodológica a semiótica de linha francesa, no que diz respeito à análise do discurso intolerante, por meio do percurso teórico desenvolvido por Barros (2011; 2016), sanção, paixões, temas e figuras, tensividade. O *corpus* de pesquisa consiste em três publicações de páginas de espectro políticos diferentes no período correspondente a primeira semana após o assassinato de Marielle Franco, a saber: de 15 a 22 de março de 2019. As *fanpages* foram escolhidas por meio da análise de redes sociais (ARS)<sup>4</sup>, que possibilitou determinar duas páginas de maior expressão no período em análise.

Por meio dessa análise, obtivemos a delimitação das duas *fanpages* mais relevantes para a semana do assassinato de Marielle Franco, a saber: *Direita Vive 3.0* e *Jovens de Esquerda*. A primeira *fanpage* não está mais disponível para acesso, desde setembro de 2020. Até a última data acessada, agosto de 2020, a descrição da página continua apenas “página voltada para a direita brasileira”. Já a *fanpage Jovens de Esquerda*, até a checagem (junho de 2023) se intitula como uma página “na luta por justiça social, contra o racismo, machismo, homofobia e contra qualquer tipo de opressão” (FACEBOOK, 2023).

---

<sup>4</sup> Recuero, Basto e Zago (2020) explicam que a ARS é uma teoria constituída por um método de estudo de grupos sociais, utilizando forma matemática para mensurar as relações, laços e interações sociais, que são entendidos como componentes da estrutura social. A análise completa das *fanpages* pode ser consultada em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45892>.

### 3. A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO INTOLERANTE EM TORNO DO ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO

#### 4.1 Discurso intolerante na fanpage Direita Vive 3.0

Durante a primeira semana do assassinato de Marielle Franco, entre os dias 14 de março a 18 de março de março de 2019, a *Direita Vive 3.0* realizou quatro publicações em relação ao tema. As imagens dos posts podem ser conferidas a seguir.

Figura 4



Figura 3



Figura 2



Fonte: Facebook (2020).

Os percursos temático-figurativos encontrados nos discursos da *Direita Vive 3.0* referem-se, essencialmente, à minimização da morte de Marielle Franco, à imoralidade e à política. Logo, o enunciador do discurso se coloca como um *eu*, um “Sr. Todo Mundo” (LANDOWSKI, 2012), que visa a exclusão total do *outro*. *Outro* este que é caracterizado na figura de Marielle Franco, mas, sobretudo, da esquerda (temática política) e seus apoiadores.

Desse modo, este *outro*, isto é, a esquerda e tudo relacionado a ela, é tido como imoral, concretizado no discurso por meio de figuras que retomam a isotopia do antiesquerdismo. Além disso, o tema da minimização da morte da Vereadora Marielle Franco, nos orienta para a isotopia da supremacia dos negros sobre os brancos, ou seja, o racismo reverso. Segundo Schwarcz (2019), desde a escravidão temos a exclusão de grande parte da população negra de locais de prestígio social, inclusive no que concerne aos direitos à saúde, à educação, ao trabalho, à moradia e à segurança – direitos constitucionais. Assim, quando os negros assumem posições altas na sociedade, na perspectiva do racismo reverso, eles prejudicam socialmente os brancos, que sempre estiveram no “topo da pirâmide social” (SCHWARCZ, 2019, p. 30).

No que tange a sanção, segunda etapa da análise, temos que destinador dos *posts*, da *Direita Vive 3.0*, se constrói dotado de um *saber*. Um exemplo é visto na Figura 03, uma vez que o destinador demonstra ter conhecimentos de que o PSOL é corresponsável pela morte de Marielle, e de outras “milhões”, que atingem os brasileiros, pois é um partido que defende bandido. Já na Figura 04, ele cria uma imagem eufórica de Bolsonaro e demonstra um *saber* sobre o caráter do candidato à presidência da República, como podem ser observados nas expressões “mais uma vez” e “não precisa fazer”. Em paralelo a isso, implicitamente, ele faz uma crítica ao posicionamento da revista *Veja*, a colocando como um antissujeito, que visa à desqualificação de Bolsonaro.

No que tange às paixões, temos a presença de paixões ditas malevolentes, em relação ao *outro* e, benevolentes, em relação aos semelhantes. Assim, temos um percurso passional do sujeito intolerante modalizado em um *querer fazer mal ao outro*, com o uso de expressões pejorativas, que levam à hostilidade, à raiva e, principalmente, ao ódio do *outro*, desejando sua eliminação total do *outro*.

Por fim, no que rege à tensiveidade, o que vemos nos *posts* é que o assassinato de Marielle Franco é tratado, na perspectiva deste grupo, com minimização, ou seja, há um processo de destonificar ou atonizar a intensidade da morte. Isso nos leva a depreender



que há uma busca em tratar a morte, não como um acontecimento (ZILBERBERG, 2011), com fatos intensos, mas como um discurso do exercício (ZILBERBERG, 2011), com uma organização mais racional, em que o assassinato da vereadora era (parecia) esperado no campo de presença desses sujeitos.

Tal afirmação é justificada pelo fato de que esses sujeitos creem ser verdade que Marielle estava ligada a bandidos e que a esquerda, espectro político da qual a vereadora era filiada, apresentava pautas políticas que comungavam para um assassinato, como a defesa a bandidos. Visto por esse espectro, torna-se justificável a intolerância com *outro*, uma vez que a esquerda e Marielle rompem com os valores que eram esperados pelo destinador da direita, figurativizado na imagem da *Direita Vive 3.0*. Contudo, por outro lado, temos a exaltação da morte do motorista e de pessoas comuns, sobretudo militares e homens e mulheres brancas. Neste caso, sob o ponto de vista do sujeito da direita, esses crimes deveriam ser compreendidos como um acontecimento, merecendo mais destaque na mídia. Desse modo, eles compreendem que essas mortes são dignas de repercussão.

Para expressar esse ponto de vista, esses sujeitos partem de triagem e exclusão do diferente, uma vez que apenas os valores do *eu* são aceitos. Assim, essa valorização é constituída por meio de formações ideológicas, de um determinado grupo social, que são reproduzidas nas práxis enunciativas desse meio. A partir disso, podemos afirmar que os discursos preconceituosos e intolerantes, partem da noção da triagem ao diferente.

#### 4.2 Discurso intolerante na fanpage Jovens de Esquerda

Figura 5



Figura 7



Figura 6



Fonte: Facebook (2020).

Ao examinarmos os percursos temático-figurativos das três postagens, notamos temas como imoralidade, difamação e potencialização do assassinato de Marielle Franco. Assim, o *eu* tem valores opostos ao *outro*, que é figurativizado na imagem do espectro político da direita. Desse modo, a ideologia que perpassa o *eu* visa à manutenção dos valores ligadas à figura de Marielle Franco, tais como igualdade social, de raça e de gênero. A partir disso, o *outro* é imoral por não compartilhar essa mesma visão de mundo e, por vezes, difamar a imagem da ex-vereadora (como no caso do compartilhamento de *fake news*), e, implicitamente, tudo o que ela defende.

Como já apontamos, os discursos intolerantes são, sobretudo, discursos de sanção, em que o *outro* é julgado como um mau ator social e, portanto, deve ser punido (BARROS, 2015). Por se tratar da mesma plataforma de mídia social, o Facebook, e o mesms gênero – posts –, a análise do percurso narrativo coincide com a realizada na

---

*fanpage Direita Vive 3.0*. Isto é, identificamos o percurso do destinador-manipulador, em que a página do Jovens de Esquerda propõe um contrato fiduciário de veridicção.

Assim, o destinador-manipulador desenvolve seu discurso a partir do seu ponto de vista sobre o que é verdadeiro, estabelecendo o posicionamento da alteridade como mentiroso ou falso. A partir disso, o destinador-manipulador é atualizado, por meio das competências modais do saber e do poder, tal como acontece, por exemplo, nas publicações relacionadas às fake news sobre Marielle Franco, divulgadas nos dias 16 e 17 de março de 2018 (imagens 6 e 7).

Nas duas postagens, o destinador da Jovens de Esquerda é dotado de um saber. No primeiro post, esta modalidade fica evidente ao apontar a incoerência (“O Brasil não é para amadores”) na atitude da Desembargadora, pois ela julga Marielle como uma criminosa, mas, em seu histórico, a Desembargadora já havia, segundo a matéria, soltado o “chefão da máfia dos ingressos”. Já no segundo post, o saber evidencia-se no desmascaramento da *fake news*, pois o destinador sabe que o discurso é mentiroso e pode provar por meio de uma comparação visual, revelando uma incoerência patente entre as imagens.

Além desse saber, o destinador, também, é revestido por um poder, sobretudo, por ter o direito à fala e à argumentação. Esse poder é intensificado nas redes sociais, uma vez que este mesmo destinador é responsável pela postagem, o colocando, desse modo, na posição em que, ao mesmo tempo, pode apagar posts e comentários, excluir comentadores e, até mesmo, remover a fanpage do site de rede social. Logo, esse poder encoraja o destinador a manifestar seus valores e crenças e, principalmente, demarcar a alteridade.

Passada a fase da competência do esquema narrativo, ocorre a performance – materializada na postagem, compartilhamento e comentários –, para, por fim, haver sanção (pragmática e/ou cognitiva), em que se realiza o julgamento da performance. Vale lembrar que nos discursos intolerantes, a sanção se dá com aquele que não cumpriu os contratos sociais, como o caso da Desembargadora (imagem 06), vista como uma má cidadã, que difamou Marielle Franco, acusando-a de ser envolvida com traficantes, mas, assume uma atitude ambígua, ao soltar o “chefão da máfia de ingressos”. O destinador-julgador, isto é, a *fanpage Jovens de Esquerda*, sanciona cognitivamente a Desembargadora, utilizando a expressão “o Brasil não é para amadores”, que se refere a

---

um julgamento sobre o ser do fazer, isto é, a competência dela em relação às situações absurdas e incoerentes.

No que tange às paixões, tal como ocorre na análise da *Direita Vive 3.0* há a presença de paixões ditas malevolentes em relação ao outro e benevolentes em relação aos semelhantes. Chegamos ao último ponto da análise dos discursos intolerantes, a organização tensiva. Na *fanpage* dos *Jovens de Esquerda*, o assassinato é visto como um acontecimento (ZILBERBERG, 2011), com um alto grau de intensidade e uma extensidade concentrada. Desse modo, o campo de presença do destinador dos *posts* tem uma percepção acelerada do objeto percebido (assassinato), que é tonificado ao máximo, propiciando, portanto, o efeito de impacto do sensível, que rege esses discursos, o que justifica a temática da potencialização do assassinato de Marielle Franco.

No que se refere às operações de triagem e mistura, dispomos de estratégias similares às ocorridas na *fanpage* da *Direita Vive 3.0*. Assim, discursos preconceituosos e intolerantes da *fanpage* da Esquerda visa a exclusão do outro, por meio de triagem plena do *outro*. Logo, esses discursos são regidos por valores do absoluto, em que existe um *fazer* e um *querer* o aniquilamento da alteridade. Contudo, diferentemente do que ocorreu na *fanpage* da *Direita Vive 3.0*, essa expulsão do *outro* não é associada à morte da alteridade, mas a sua exclusão da sociedade, por meio de expressões como: “merece cana”, “devem ir para a cadeia” e outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises afirmamos que a identidade do *outro* é julgada como eufórica, pelos sujeitos que compartilham dos mesmos valores, seja para dar continuidade a uma ideologia partilhada pelos enunciadores da *Direita Vive 3.0* ou dos *Jovens de Esquerda*, seja para proteger ou preservá-los. Por outro lado, a alteridade é disfórica, em que o diferente é repudiado, julgado como mau cumpridor de certos contratos sociais, como mau cidadão, por não compartilhar dos mesmos valores e crenças, instaurados pelo eu.

Os posts analisados da *fanpage* *Direita Vive 3.0* compartilham a mesma linha isotópica, com figuras e temas característicos do espectro político de direita, tais como individualidade, ordem, meritocracia e preservação do status quo desses grupos. São figurativizados na imagem do homem branco, conservador, heteronormativo, religioso e defensor da família tradicional, que levam a isotopias como o antiesquerdismo e o

racismo. Esse é o modelo a ser seguido, que provoca, por consequência, a exclusão (LANDOWSKI, 2002) daqueles que seguem posicionamentos diferentes.

Sob outra perspectiva, os posts da *fanpage Jovens de Esquerda*, têm como temas a igualdade social, de raça, de gênero e a coletividade. Logo, a ideologia da fanpage em questão, é baseada no empoderamento de grupos não representados. Essas temáticas são figurativizadas, sobretudo, na imagem de Marielle Franco, que buscava, segundo o ponto de vista deste grupo, o empoderamento de grupos menos favorecidos, como as mulheres, os negros, a comunidade LGBTQIA+ e todos aqueles que viviam qualquer forma de opressão.

Nos dois grupos, a alteridade é imediatamente desqualificada enquanto sujeito, sendo que o percurso temático que sobressai é o da imoralidade, concretizado por figuras que o retomam. Tal fato explicita um ponto de vista sobre o mundo, que define cada uma das páginas e seus comentadores. Reconhecemos, no entanto, que tanto a *fanpage Direita Vive 3.0*, quanto a *fanpage Jovens de Esquerda*, ao visarem a exclusão do outro, revelam uma perspectiva intolerante, que, sob uma base preconceituosa, intenciona eliminar a alteridade, baseados em julgamento negativo do outro.

Dessa forma, ao observar o nível semionarrativo de análise, os discursos das duas fanpages enfatizam o percurso da sanção. Nas duas fanpages, o destinador e o destinatário sancionam a alteridade como um não cumpridor dos acordos sociais, julgando-o como imoral. Esses sujeitos, são, portanto, reconhecidos como maus atores e maus cidadãos, por terem rompido contratos, e são sancionados, cognitivamente ou pragmaticamente ou, ainda, por ambos.

As paixões encontradas nas duas fanpages referem-se à hostilidade, à animosidade e à indignação. Elas, em maior ou menor gradação, levam a constituição do ódio, como um querer fazer mal ao sujeito não cumpridor dos valores instaurados pelo eu. Dessa forma, os temas envolvidos nos posts e nos comentários direcionando a um julgamento cognitivo da imoralidade, que é acentuado pela paixão do ódio. Esta é percebida por meio da emoção e da sensibilização, evidenciadas com o auxílio de expressões violentas e, que levam ao ataque à figura do outro (malevolente).

Por fim, no que se refere à tensividade, constatamos que a *Direita Vive 3.0* e seus comentadores tratam o assassinato de Marielle Franco como um discurso do exercício, com uma organização mais racional, em que o fato atinge o campo de presença desses sujeitos de forma esperada e átona, o que é confirmado por uma das temáticas mais

presentes na página: a minimização da morte da vereadora. Em contrapartida, a fanpage dos *Jovens de Esquerda* e os comentaristas autorizados veem o assassinato de Marielle como um acontecimento, que adentra no campo de presença desses sujeitos de forma vertiginosa, deixando-os espantados. Além disso, por terem sido pegos de surpresa, eles precisam de um tempo para recuperar seu estado.

Apesar das divergências ideológicas, ambas as páginas manifestam intolerância por meio de estratégias semelhantes. A sanção negativa é aplicada com intensidade, buscando anular a alteridade. No entanto, há diferenças na forma como os discursos são construídos. A *fanpage da Direita Vive 3.0* expressa de forma mais explícita seu ponto de vista nas postagens, enquanto a dos *Jovens de Esquerda* a intolerância é amenizada por meio de estratégias discursivas. Além disso, a intensidade da intolerância é maior na *Direita Vive 3.0*, que associa a exclusão à morte, enquanto nos comentários da Esquerda busca-se o afastamento da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Paixões e apaixonados**: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*. Porto, APS, 11-12: 60-73. 1989-1990.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Rumos da Semiótica. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 9, p. 12-23, 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Preconceito e intolerância**: reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. “Todos temos prejuícos, pero no todos discriminamos”. Reflexões sobre o discurso intolerante. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Margens, periferias, fronteiras**: estudos linguístico-discursivo das diversidades e intolerância. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

FACEBOOK. **Direita Vive 3.0**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/adireitavive1.0/>> Acesso em: 05 ago. 2020.

FACEBOOK. **Jovens de Esquerda**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/>> Acesso em: 23 jul. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo, Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

---

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012.

OLIVEIRA, Jorge. *Preconceito, racismo e intolerância na morte de Marielle*. 2018. Disponível em: <<http://www.omorungaba.com.br/noticia/6-opiniaio/3325-preconceito-racismo-e-intolerancia-na-morte-de-marielle>>. Acesso em: 06 maio 2019.

RECUERO, Raquel; BASTO, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. Trad. Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (org.). **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.

ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. **Galáxia**. V.13, p. 13-28, jun. 2007.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.